



Concerto de Natal

27 de Dezembro | Sábado

12h00 | Igreja Matriz de São Martinho do Bispo

Ensemble da Academia Martiniana

Alexandre Sayal

violino

Manuel Veiga

violino

Luís Silva

viola de arco

Joana Sayal

violoncelo II

João Mendes

contrabaixo

PROGRAMA

Maria Neto

Prelúdio Inicial

Georg Friedrich Händel

*Salomon:
Arrival of the Queen of Sheba*

Arcangelo Corelli

*Concerto grosso in sol minore op. VI
n. 8 “Fatto per la notte di Natale”*

Wolfgang Amadeus Mozart

*Divertimento No. 1, K. 136 in
D major*

Notas de Programa

A presente programação reúne três obras emblemáticas que atravessam os séculos XVII e XVIII, convidando à reflexão sobre os princípios estéticos, sociais e expressivos que moldaram a música europeia do Barroco ao Classicismo. À luz da profunda obra de investigação e prática interpretativa de Jordi Savall, cada peça revela não só valores formais e estilísticos próprios do seu tempo, mas também uma dimensão vivencial e comunicativa que transcende a simples execução. Para Savall, a música é sempre um acto de comunicação histórica, afectiva e cultural: uma linguagem de sentimentos, gestos e relações que traz à luz os contextos sociais e civis em que foi concebida, aproximando-nos da experiência sonora original sem, contudo cair num historicismo dogmático que negue a presença viva no momento da execução.

G. F. Handel — The Arrival of the Queen of Sheba (da oratória Solomon, HWV 67)

Georg Friedrich Handel compõe *The Arrival of the Queen of Sheba* no contexto da sua bem-sucedida oratória *Solomon* (1748-1749), uma obra que combina grandeza dramática com vivacidade instrumental. A sinfonia instrumental que anuncia a chegada da rainha de Sabá é, por sua vez, um manifesto sonoro do florescimento do estilo galante, cheio de brilho, movimento rítmico e diálogo entre as vozes instrumentais. Esta peça simboliza um momento em que a música barroca atinge uma clareza formal e afectiva capaz de comunicar emoção e pompa sem recursos dramáticos vocal-teatrais. Para Savall, a obra como *The Arrival of the Queen of Sheba* ilustra uma música profundamente enraizada no seu tempo, onde o gesto e o ritmo conduzem o discurso, e cada frase é concebida como um acontecimento expressivo. A sua interpretação historicamente informada exige um equilíbrio entre rigor técnico e liberdade afectiva, entre a arquitectura formal da partitura e o sentido de vida que a música podia ter nos salões e cortes Europeus do século XVIII.

Savall ensina que a música do Barroco “não pode ser desligada da História social e humana” e que a compreensão do seu contexto — litúrgico, cortesão ou cívico — abre uma escuta rica em significado. Assim, a chegada da rainha não é apenas um motivo celebrativo, mas um conjunto de afectos articulados por cores, contrastes e dinâmicas que convidam o intérprete e o público a entrar num diálogo com o tempo original da obra.

Arcangelo Corelli — Concerto grosso in Sol mineur, Op. VI n.º 8 “Fatto per la notte di Natale”

Concerto grosso Op. VI n.º 8 de Arcangelo Corelli, universalmente conhecido pelo subtítulo “Fatto per la notte di Natale”, representa um dos mais elevados exemplos do género concerto grosso no Barroco italiano. Escrito no final do século XVII, este concerto inscreve-se numa tradição de música instrumental que visa tanto a reflexão interior como a celebração comunitária. O uso contrastante de concertino e ripieno cria uma tessitura sonora em que a relação entre o grupo solista e a orquestra se traduz em movimento afectivo e tensão dramática. Corelli, cuja música influenciou profundamente toda a Europa, organiza a sua música de maneira que o fluxo melódico e a estrutura formal emergem com naturalidade, sem forçar oposições artificiais entre partes. Para Savall, que se dedica a “recuperar” a expressão estética e o sentido histórico de repertórios antigos, obras como este concerto grosso revelam o modo como o Barroco italiano articulava afectos e formas como partes inseparáveis de uma experiência musical viva.

O último movimento, a famosa Pastorale, remete para a tradição das festas e das jornadas de Natal: o ritmo ternário, o carácter contemplativo e a atmosfera pastoral instilam um sentido de serenidade que evoca a noite festiva e os seus significados simbólicos. Nesta perspectiva, a peça não é apenas um objeto musical, mas uma expressão de espiritualidade, comunidade e memória cultural — elementos que Savall considera essenciais para a interpretação que pretende conciliar historicidade e atualidade.

W. A. Mozart — Divertimento in Ré maior, K. 136/125^a

O Divertimento em Ré maior, K. 136/125a de Wolfgang Amadeus Mozart ocupa uma posição singular no repertório do jovem compositor de dezasseis anos. Composto em 1772, este divertimento — destinado inicialmente a eventos sociais e entretenimento de câmara — transplanta para o universo clássico princípios de clareza, equilíbrio e afetividade que caracterizariam toda a estética clássica. Ao mesmo tempo, conserva traços derivados das práticas barrocas que precederam Mozart, resultando numa obra que é simultaneamente festa social e expressão artística sofisticada.

Embora Savall seja sobretudo reconhecido pela sua interpretação de repertórios mais antigos, a sua visão da música clássica parte dos mesmos princípios: compreender a obra no seu contexto histórico, funcional e afetivo, sem reduzir a música apenas à execução técnica. A música de Mozart, nesta fase juvenil, revela uma criatividade que articula procedimentos formais com um sentido de comunicação imediata e expressão emotiva. Para Savall, obras como este divertimento não são peças de um repertório clássico abstrato e distante, mas confissões sonoras de uma juventude criativa inserida num mundo musical em transição, onde o domínio formal e a sensibilidade expressiva se encontram.

O Divertimento em Ré maior é, assim, um exemplo paradigmático de como a música do século XVIII podia conciliar o espírito de festa com uma profundidade estrutural que prenuncia o amadurecimento do estilo clássico. A sua inclusão neste programa sublinha a continuidade e a transformação das estéticas musicais europeias — uma ponte entre o Barroco tardio e a busca clássica por equilíbrio e forma.

Pensamento Interpretativo

A música que se reúne nesta noite tem a delicadeza dos encontros que aquecem a alma, como o brilho de um olhar familiar ou a surpresa de uma risada compartilhada. Cada gesto sonoro é como um convite para atravessar salas invisíveis, onde o tempo parece esticar-se e cada instante se torna pleno de vida. Há aqui cores que dançam entre luz e sombra, movimentos que se estendem com leveza, e linhas que se entrelaçam como mãos dadas, conduzindo-nos numa viagem que é ao mesmo tempo íntima e universal.

Em certos momentos, sentimos a alegria pura de uma chegada, a eletricidade que preenche o ar quando alguém querido cruza a porta, trazendo consigo promessas de celebração. Noutras passagens, a música sussurra com ternura, lembrando-nos das noites tranquilas em que o mundo parece pequeno e seguro, e em que cada gesto de cuidado cria laços invisíveis que nos sustentam. Entre estas pulsões, há também o impulso da liberdade: a brincadeira leve, o voo inesperado, a possibilidade de nos perdermos nas pequenas aventuras, de nos abandonarmos à espontaneidade do instante.

Ao longo desta sequência sonora, os contrastes não são apenas formas ou ritmos; são paisagens interiores, ecos de momentos que conhecemos ou imaginamos, pedaços de memória e desejo entrelaçados. A música torna-se, então, um espelho onde reconhecemos tanto o mundo exterior quanto o mundo secreto de cada um – onde a rima de alegria com a contemplação nos lembra que o que partilhamos com outros é também o que guardamos dentro de nós.

O encanto desta experiência reside na sensação de pertencimento e descoberta simultâneos: pertencemos a um presente que é coletivo, e ao mesmo tempo, cada nota nos leva para dentro de nós mesmos, para os recantos onde habitam o riso, a ternura e a coragem. É nesse equilíbrio delicado entre o encontro e a liberdade, entre a intimidade e a vastidão, que a música desta noite nos guia, como uma conversa sem palavras que continua a ecoar muito depois de os instrumentos se aquietarem.

Ao abandonar esta sala, que cada frase musical fique consigo como uma lembrança que se pode visitar: uma chama de calor, uma brisa leve, um sopro de liberdade, um gesto de carinho. Que o eco das notas se misture às suas memórias, e que, por alguns instantes, todos possamos sentir que o mundo é, afinal, pequeno o suficiente para caber em cada coração aberto à beleza.



Próximo concerto

Diálogos

Duo Violoncelo e Contrabaixo

24 de Janeiro | Sábado

21h00 | Igreja Matriz de São Martinho do Bispo